

FORMAÇÃO CULTURAL E ENSINO DA LÍNGUA INGLESA EM ESCOLAS PÚBLICAS

CAMBUTA, Aristides Jaime Yandelela¹

SALAZAR, Daniela dos Santos²

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre a formação cultural e o ensino da língua inglesa nas escolas públicas. A questão da formação cultural é uma temática que tem sido discutida por vários autores e a escola, como instituição social, tem um papel preponderante na formação cultural do aluno. A aprendizagem da língua inglesa vem se destacando ao longo dos anos, principalmente devido aos desafios atuais no campo da educação. Durante o seu ensino, é importante ressaltar a sua importante relação com a questão cultural, uma vez que constitui também um bem cultural. Para a realização efetiva desta pesquisa de caráter bibliográfico, contamos com as contribuições de alguns autores: Chauí (1995), Lado (1971), Leffa (2011), Lima (2009), entre outros, que abordam as temáticas em estudo. Desse modo, destacamos que ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, serão abordados o conceito de cultura a partir de diferentes contribuições teórico-científicas para um melhor entendimento das suas dimensões, bem como a sua pertinência na formação e na vida do sujeito. Em seguida, pontuaremos a posição da língua inglesa na cultura brasileira, exemplificando a sua relação com a cultura e como os diversos estudiosos se posicionam frente a esses pressupostos. Depois disso, mostraremos o papel da língua inglesa nas escolas públicas, para uma compreensão mais abrangente acerca deste processo importante e complexo nas escolas públicas e, finalmente, a pesquisa apresenta algumas considerações finais que, de forma mais sintética, espelham os principais resultados e quais as conclusões que foram extraídas pelos autores durante o percurso investigativo.

Palavras-chave: Formação Cultural. Aluno. Língua Inglesa. Escola Pública.

1 INTRODUÇÃO

A formação cultural é um elemento indispensável na vida de qualquer indivíduo, visto que a cultura é a identidade de um povo e através dela podemos compreender os costumes, os valores, as tradições e os ideais de um determinado sujeito ou de uma comunidade. A aquisição da cultura é entendida como um processo e nela intervêm vários fatores em que a língua, como um bem cultural, é determinante.

Nos aspectos referentes à cultura, a língua inglesa não foge a regra. A escola como uma instituição social tem como principal responsabilidade a formação do indivíduo,

¹ Graduado em Pedagogia pelo Instituto Superior de Ciências da Educação do Huambo - Angola. Mestre em Educação pela UNESC/SC.

² Graduada em Letras pela FACOS/RS. Especialista em Língua Inglesa pela FIP/MG. Mestra em Educação pela UNESC/SC.

sob a forma de inseri-lo no seu meio social. Dentre os vários conhecimentos que a escola oportuniza para que o indivíduo se aproprie, a questão cultural ocupa um lugar de destaque na formação humana, uma vez que a cultura envolve valores, normas, crenças que devem ser adquiridas e transmitidas ao longo da vida dos sujeitos e estes aspectos devem de ser preservados para que possam ser repassados para as futuras gerações.

As línguas estrangeiras podem conduzir à (re)construção da identidade do aluno, com vistas a desenvolver a própria consciência sobre o papel exercido pelas línguas estrangeiras na sociedade, proporcionado a aquisição do conhecimento científico, oportunidades para conhecer e interagir com outros povos e os seus diferentes modos de vida, bem como algumas facilidades na interpretação de termos técnicos.

De acordo com Almeida Filho (2008), a aula de língua inglesa oferece ao aluno não apenas a sistematização de um novo código linguístico, que o ajudará a compreender melhor o seu próprio significado, mas também a oportunidade de transportá-lo a outros lugares, novas situações e, sobretudo, para outras culturas.

Em se tratando do ensino de língua inglesa, Gardner (2001) enfatiza a importância da identificação do aluno com a cultura e com a língua que vai estudar, ou seja, para o autor, quando o aluno percebe que o que se deseja ensiná-lo tem relação com um todo, então o interesse é despertado e, assim, se efetiva o envolvimento com a aprendizagem.

Assim, podemos destacar que a escola reconhece o valor educacional e formativo na experiência de aprender outras línguas. Ela reconhece esse bem cultural ao garantir a presença da disciplina de língua inglesa no currículo escolar e espera que haja qualidade em seu ensino. Diante disso, surge o questionamento: qual a importância da língua inglesa para a formação cultural dos alunos nas escolas públicas brasileiras? Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, buscando possíveis respostas para o questionamento, abordaremos o conceito de cultura a partir de diferentes contribuições teórico-científicas para entender melhor as

dimensões da cultura, bem como a sua pertinência na formação e na vida dos sujeitos. Em seguida pontuaremos o lugar da língua inglesa na cultura brasileira, exemplificando como estes elementos se relacionam e como alguns estudiosos tratam desses pressupostos. Finalmente a pesquisa apresenta algumas considerações finais que, de forma mais sintética, espelham os principais resultados e as conclusões que foram extraídas pelos autores acerca do questionamento que deu origem a essa pesquisa.

2 CONCEITO DE CULTURA

Segundo Chauí (2008), a palavra cultura vem do verbo latino *colere*, que significa o cultivo, o cuidado. Para a autora, a cultura era entendida como “uma ação que conduz à plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém; era fazer brotar, frutificar, florescer e cobrir de benefícios” (p. 55). Entretanto, de acordo com Chauí (2008), no decorrer da história do ocidente, esse sentido da palavra cultura acabou por se perder e somente no século XVIII, a palavra cultura torna a ressurgir, mas como sinônimo de civilização. Conforme destaca Chauí:

Sabemos que civilização deriva-se de ideia de vida civil, portanto, de vida política e de regime político. Com o Iluminismo, a cultura é o padrão ou o critério que mede o grau de civilização de uma sociedade. Assim, a cultura passa a ser encarada como um conjunto de práticas (artes, ciências, técnicas, filosofia, os ofícios) que permite avaliar e hierarquizar o valor dos regimes políticos, segundo um critério de evolução. No conceito de cultura introduz-se a ideia de tempo, mas de um tempo muito preciso, isto é, contínuo, linear e evolutivo, de tal modo que, pouco a pouco, cultura torna-se sinônimo de progresso. Avalia-se o progresso de uma civilização pela sua cultura e avalia-se a cultura pelo progresso que traz a uma civilização. (CHAUÍ, 2008, p. 55).

De acordo com Pastana (2003 p. 91), “a cultura é entendida como a expressão das necessidades historicamente condicionadas de um grupo social e de seus indivíduos, e como referência à totalidade de características de uma sociedade”. Para a autora a cultura não pode

ser entendida como algo estático ou imutável, ou seja, a cultura se apresenta como uma forma dinâmica das ações dos grupos sociais.

Para Lado (1971), a maneira de viver de cada povo é valorizada pelos seus, todavia, é vista com desaprovação por outros povos, ou seja, as diferentes formas de cultura são entendidas como diferentes porque cada povo tem pouco conhecimento de outros costumes e de outros significados. Desse modo, Lado (1971 p. 150) ressalta a afirmação de Edward Sapir de que “todo comportamento cultural é padronizado”.

Assemi *et al.* (2012 p. 79) definem o conceito de cultura como “algo que todo o mundo entende implicitamente, mas ninguém pode definir com precisão e que devido à sua complexidade, a palavra cultura é muito difícil de se definir”³. A cultura é o que qualifica os seres humanos como criaturas sociais e, quando mudam os aspectos sociais de uma sociedade, a cultura também se modifica. Também, Assemi *et al.* (2012) destacam que existe uma estreita relação entre cultura e língua. É através da linguagem que a cultura e os laços culturais são mantidos e, assim, transmitidos porque a língua está emaranhada na cultura e esta é transmitida pela linguagem⁴.

Lado (1971) afirma que no ambiente escolar, tanto na nossa cultura quanto na cultura dos outros, são apreendidas diferentes generalidades a respeito de si mesmo e da sua cultura e, com isso, existe a incapacidade de obter a própria interpretação, ou seja, percebe-se que o indivíduo cresce fazendo muito daquilo que faz por hábito, e este, por sua vez, é adquirido no seu ambiente cultural. Neste sentido, Halliday (1982, *apud* GOMES & ROANI 2013, p. 30) pontua que ao desenvolver a teoria sistêmico-funcional da linguagem, podemos definir o contexto de cultura como todo “repertório de crenças, valores e ideologias da comunidade que possibilita aos seus membros gerar significados”.

³ Tradução nossa.

⁴ Tradução nossa.

Diante dos apontamentos dos autores acima mencionados em relação ao conceito de cultura, daremos continuidade a nossa investigação discorrendo sobre o papel da língua inglesa na cultura brasileira.

3 A LÍNGUA INGLESA NA CULTURA BRASILEIRA

Nos últimos anos o ensino de língua estrangeira vem sendo objeto de muitas pesquisas e tem gerado muitas reflexões acerca da temática. Conforme destaca Natividade (2009, p.7) isso tem acontecido em “virtude das deficiências encontradas no sistema educacional brasileiro”. Diante desse contexto, o sujeito busca o conhecimento acerca da língua com vistas a participar de uma nova cultura e, também, de viabilizar a sua inserção tanto na esfera acadêmica, quanto na esfera profissional.

De acordo com Almeida Filho (2011), ensinar uma língua estrangeira significa ensinar uma outra língua, em uma outra cultura sobre um determinado país, ou seja, para Almeida Filho (2008 p. 11) para algumas pessoas a língua estrangeira pode significar “a língua dos outros ou de outros, ou a língua dos antepassados, de estranhos, de bárbaros, de dominadores ou uma língua exótica”. Desse modo, é importante ressaltar que a sociedade atual valoriza e estimula o domínio de uma nova língua, considerando que no Brasil existe um intenso contato linguístico com a língua inglesa. Conforme afirma Leffa (2011 p. 20) “para ser cidadão no mundo globalizado de hoje, ao qual todos pertencemos, precisamos conhecer pelo menos duas línguas estrangeiras, a do vizinho e uma internacional”.

Tendo em vista a importância da língua inglesa para a educação brasileira, Souza (2011) resalta que muitos mecanismos se destacam durante o processo de aquisição da língua estrangeira, uma vez que indivíduo adquire alguns conjuntos de habilidades que permitem a sua inserção nos mais variados contextos da vida social. Segundo Souza,

a comunicação em línguas estrangeiras, com especial destaque para a língua inglesa, representa um conjunto de habilidades de ampla valorização pela sociedade brasileira, haja vista a convicção com que as classes mais abastadas abraçam as ofertas de prestadoras de serviços privados, cujas promessas de alta eficácia na aprendizagem de idiomas não são infelizmente, sempre norteadas pelos princípios mais honestos. (SOUZA, 2011, p. 133).

Com isso, segundo a autora, a escola não é vista como um ambiente propício para uma aprendizagem de língua inglesa satisfatória. Souza (2011) destaca que em muitas situações a escola é vista como uma instituição derrotada em termos de mecanismos concretos para a valorização desse bem cultural, cujo valor é inestimável.

As variações encontradas no ensino do inglês dependem de vários fatores e, estes, dependem de cada escola tendo em vista as peculiaridades que cada uma delas apresenta. As condições materiais, bem como as humanas, têm sido apontadas como os elementos que mais dificultam o processo de aprendizagem e, infelizmente, em muitas situações, a culpa recai sobre o professor e a escola pública de forma geral.

No universo das escolas brasileiras, ainda é possível encontrar professores ensinando inglês de forma fragmentada e descontextualizada, ou seja, a gramática ensinada ainda é a normativa e os exercícios propostos são de repetição, privilegiando um ensino desvinculado do contexto social do aluno e sem o uso da língua inglesa em atividades significativas e de relevância.

Assim, essas dificuldades encontradas quanto ao ensino são pontuadas de maneira muito severa, porque buscam valorizar o ensino de inglês através de regras gramaticais e aulas de vocabulário. É importante salientar em que nesse contexto o erro é visto como algo que deve ser evitado, não permitindo que o aluno se aventure a experimentar a falar livremente, sem repetições mecânicas. Almeida filho (2011) destaca o fato de que os professores são desassistidos e não têm acesso a cursos de atualização e, ainda, em muitos casos, acumulam além das aulas de língua inglesa, as de língua portuguesa, não contribuindo para a dedicação

específica ao ensino de apenas uma delas, o que favorece que os objetivos propostos pelos professores de língua inglesa não sejam alcançados de modo satisfatório.

3.1 O ENSINO DE INGLÊS NAS ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS

O ensino de inglês na escola pública brasileira é uma preocupação de alguns estudiosos da educação, que buscam compreender como acontece esse ensino e que aspectos têm gerado reflexões acerca disso, bem como os aspectos necessários para melhoria deste.

Para Schmitz (2011 p. 111) “seria injusto e preconceituoso afirmar que todos os docentes das diferentes redes públicas não são competentes”. Neste cenário podemos encontrar vários professores eficientes e habilidosos, com cargas horárias semanais em que o trabalho chega a ser desumano, dificultando, entre outros, uma maior dedicação em suas aulas. Outro fator preponderante é a falta de condições adequadas nas quais as escolas brasileiras se encontram atualmente. Com base nesses apontamentos Schmitz (2011) destaca que:

Cabe dizer que na área do ensino de línguas, no campo da linguística aplicada e também na disciplina de educação, têm sido publicados muitos trabalhos, voltados para os problemas da escola pública. Um bom exemplo é a tese de doutorado de Ana Emília Fajardo Turbin, defendida em 2010 na Faculdade de Educação da USP e que tem por título *Das lamentações às realizações possíveis: um estudo de caso com professores de inglês na rede pública de São Paulo*. A autora mostra que cada professor é um caso diferente. De fato, alguns se queixam demais das condições de trabalho (difíceis em certos casos). Outros abandonam a profissão devido aos problemas que todos conhecemos: indisciplina por parte dos alunos, salas lotadas, falta de recursos e, no caso do inglês, a carga reduzida de horas aula (Schmitz, 2011 p. 112).

Miccoli (2011) afirma que todo o professor pode vivenciar momentos de alegria e realizações, a partir de seus esforços para que suas aulas transcorram de maneira tranquila, criativa e proveitosa. Para isso, segundo a autora, o professor tem que ter escolhido de maneira consciente esta profissão, conhecendo suas adversidades e, principalmente, a

realidade na qual esta carreira está inserida. Em outras palavras, Miccoli (2011 p. 173) afirma que “nem todo o mundo deve ser professor. Antes é preciso ter uma visão clara da distância entre imagens e realidade. É importante se decidir por essa profissão depois de conhecer a realidade vivida por qualquer professor”.

Nos dias de hoje nos deparamos com muitas situações perturbadoras nas escolas públicas brasileiras e uma delas diz respeito aos professores de inglês que em função de sua formação acadêmica deficiente, não dominam a língua. Muitos desses não ensinam a língua inglesa não porque não querem, mas porque, infelizmente, não sabem o conteúdo que se propuseram a ensinar.

Siqueira (2011) traz uma reflexão sobre a aprendizagem de língua inglesa quando esta é destinada a professores sem formação, professores de outras disciplinas, apenas para cumprir a carga horária. Essa situação causa desconforto não só para o professor, mas também para os alunos. O autor define esse tipo de docente de professor “postição” (Siqueira 2009 p. 97).

Outro apontamento de Siqueira (2011) se refere ao professor “mudo”. Segundo o autor, este conhece a língua inglesa ou já viveu em um país que fala a língua inglesa, mas se recusa a falar inglês em sala de aula porque, como tantos outros, são professores que “atuam em cursos particulares e na escola pública, conduzindo sua prática de maneira completamente distintas.” (SIQUEIRA, 2011, p. 101).

O autor continua suas colocações enfatizando que existe, além dos anteriores, o “professor crítico-reflexivo”. De acordo com Siqueira (2011), o professor crítico reflexivo é aquele que “tem consciência de quais adversidades estão a sua espera no sistema atual de ensino e de quais mudanças precisam efetivamente ser realizadas” (SIQUEIRA, 2011, p. 110).

É importante ressaltar os apontamentos de Paiva (2009, p. 32) de que “antes de qualquer outra coisa é preciso que o professor saiba a língua porque ninguém pode ajudar outra pessoa a aprender aquilo que nem mesmo ele saiba”. Também Miccoli (2011, p.183) aponta que “qualquer professor de línguas tem que abraçar, com convicção, o propósito de ensino de sua língua estrangeira em qualquer sala de aula do Brasil”.

O professor tem o poder de abrir portas para alunos resistentes no início do processo de aprendizagem. Segundo Paiva (2009), um aprendizado eficiente pode se efetivar através de aulas bem aproveitadas de modo que desperte no aluno o desejo de ultrapassar os limites de tempo e espaço da sala de aula, buscando novas experiências com a língua. Assim, de acordo com Paiva (2009, p. 34) “ninguém vai aprender uma língua estrangeira se ficar restrito às atividades de sala de aula, por melhor que elas sejam e por maior que seja o tempo previsto no currículo escolar”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o nosso percurso investigativo abordamos o conceito de cultura tendo em vista as considerações de alguns teóricos, bem como a sua importância na formação cultural dos sujeitos e a importância da língua inglesa no contexto educacional brasileiro. Diante disso, buscamos responder o questionamento que deu origem a nossa pesquisa: qual a importância da língua inglesa para a formação cultural dos alunos nas escolas públicas brasileiras?

Os apontamentos dos autores são trazidos à tona no que se refere à reflexão do ensino de língua inglesa como um bem cultural, em que os jovens que ainda estão em formação nas escolas, estão abertos às transformações do contexto os quais estão inseridos e a aquisição da língua inglesa desempenha um papel preponderante nessa transformação que em muito contribui para a sociedade atual.

No contexto brasileiro, de escolas públicas, os aprendizes de língua inglesa almejam dominar a língua com o objetivo de ter ascensão social, para a sua inserção no mercado de trabalho, para viajar e usufruir de uma cultura globalizada. É através da língua que as relações entre as pessoas são mediadas e a aprendizagem da língua inglesa pode ser considerada como uma oportunidade para que esses alunos tenham um olhar além do contexto social que estão inseridos.

A formação cultural e o ensino da língua inglesa são processos que devem ser compreendidos numa relação indissociável, uma vez, que a língua constitui um bem cultural na vida dos seres humanos e, é por meio dela que são expressas e mais variadas manifestações culturais, transmitidas através da língua. Desse modo, destacamos que aos alunos é dada a oportunidade de desenvolver seu potencial e suas habilidades cognitivas e afetivas.

Por isso, tem sido preocupação do ministério da educação brasileira e de vários estudiosos analisar e acompanhar a inserção da língua inglesa na escola pública e verificar as principais dificuldades que impedem uma aprendizagem mais significativa para os alunos. Acreditamos que esse movimento dos órgãos responsáveis e dos estudiosos tende a apontar as dificuldades e, a partir disso, buscar ultrapassá-las, considerando que a escola reconhece que aprender outras línguas, além da materna, contribui para a formação cultural dos alunos. Também, ressaltamos que, atualmente, o inglês já começa a fazer parte da vida acadêmica dos estudantes e que em muito contribui para a sua formação, mediante a possibilidade de conhecimento de outras culturas, valores, informações, costumes, entre outros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. A trajetória de mudanças no ensino e aprendizagem de línguas: ênfase ou natureza. In: _____. **Ensino de línguas e comunicação**. Campinas: Pontes, 2011.

_____. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

ASSEMI, Arezoo, *et al.* Culture within Language. International Conference on Language, Medias and Culture. **IPEDR**. Singapore. IACSIT Press, v. 33, 2012. Disponível em <<http://www.ipedr.com/vol33/016-ICLMC2012-L00052>>. Acesso em 20 fev. 2014.

BARBARA, Leila e GOMES, Maria Carmen Aires. Interfaces entre linguagem, cultura e sociedade à luz da linguística sistêmico-funcional. In: GOMES, Maria Carmen Aires e ROANI, Gerson Luiz. **Interfaces entre Linguagem, Cultura e Sociedade**. Editó-Viçosa MG: Ed. UFV, 2013. p. 28-41.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. In: **Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociais**. Ano 1, n. 1 (jun. 2008). Buenos Aires: CLACSO, 2008. Disponível em <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>>. Acesso em 10 set. 2015.

GARDNER, R. C. **Language learning motivation: the student, the teacher and the researcher**. Texas: Foreign Language Education Conference, 2001.

LADO, Robert. **Introdução à Linguística Aplicada**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

LEFFA, Vilson J. Criação de Bodes, Carnavalização e Cumplicidade. Considerações sobre o fracasso da LE na escola pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona?** Uma questão de múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 15-32.

LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009.

MICOLLI, Laura. O ensino na escola pública pode funcionar, desde que... In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona?** Uma questão de múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 171-182.

NATIVIDADE, Carla Elda Barata. **Buscando significações na aprendizagem de inglês no ensino médio: uma experiência de fomento de autonomia**. Universidade Federal do Pará. Belém, 2009.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Ilusão, aquisição ou participação. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona?** Uma questão de múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 33-46.

_____. Derrubando paredes e construindo comunidades de aprendizagem. In: LEFFA, Vilson (org.). **O professor de Línguas Estrangeiras: Construindo a Profissão**. 2. ed. EDUCAT. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2009. p. 205-222.

PASTANA, Débora Regina. **Cultura do Medo. Reflexões sobre violência criminal, controle social e cidadania no Brasil**. São Paulo: Método, 2003.

SCHMITZ, John Robert. Diálogo com um professor da Língua Inglesa sobre a carreira docente e a escola pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Inglês em escolas**

públicas não funciona? Uma questão de múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 111-121.

SIQUEIRA, Sávio. O ensino de Inglês na escola pública: do professor postiço ao professor mudo, chegando ao professor crítico-reflexivo. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão de múltiplos olhares.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 93-110.

SOUZA, Ricardo Augusto de. A Língua Inglesa na cultura brasileira e na política educacional nacional: um estranho caso de alienação. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão de múltiplos olhares.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 133-146.